



**ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA
REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia da República

Exmo. Senhor Representante da República

Exmo. Senhor Presidente do Governo Regional dos Açores

Excelências;

Antigos Presidentes da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores e do
Governo Regional

Exmas. Senhoras e Senhores Deputados Regionais

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal da Horta

Exmas. Senhoras e Senhores Deputados à Assembleia da República

Exmas. Senhoras e Senhores Membros do Governo Regional

Senhor Bispo de Angra e ilhas dos Açores, Excelência Reverendíssima

Exmas. Autoridades Cívicas e Militares

Caros Convidados

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Evocamos hoje os quarenta anos da abertura solene da primeira sessão legislativa, da primeira legislatura desta Assembleia, que ocorreu nesta mesma cidade da Horta, tendo sido o culminar de um longo e duro processo de luta do povo açoriano na defesa dos seus interesses, do seu direito à diferença e do seu autogoverno. Como referiu Madrugada da Costa, nas comemorações dos dez anos de Autonomia, referindo-se à promulgação da Constituição da República Portuguesa, em 2 de abril de 1976 “Era-nos finalmente reconhecido o direito de construirmos por nós próprios o nosso futuro, tendo em mente que a Autonomia, agora administrativa e sobretudo política era o límpido reconhecimento do nosso direito à diferença.”.



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

Gostaria de agradecer a presença de todos vós nesta Sessão Solene, em particular, a de Sua Excelência o Presidente da Assembleia da República que simboliza, desta forma, os laços de amizade e solidariedade que unem o território continental a estas ilhas, dando forma ao preceito legal do artigo 225.º da Constituição Portuguesa, realçando, ainda, as relações de proximidade e respeito mútuo entre estas duas instituições que são o coração do poder representativo, legislativo e político.

No ano em que comemoramos quarenta anos de diversas efemérides que transformaram por completo a realidade açoriana e a vida das suas populações, é tempo de homenagearmos aqueles que abriram o caminho e que, num período conturbado e incerto, com coragem e determinação, foram construindo pedra por pedra o edifício autonómico que nos permite a todos comemorar estes quarenta anos de gestão própria e de concretização dos nossos sonhos: Álvaro Monjardino, Reis Leite, Madruga da Costa, Dionísio Sousa, Humberto Melo, Fernando Menezes, Francisco Coelho, Mota Amaral, Carlos César e Vasco Cordeiro e ainda os mais de quatrocentos homens e mulheres que foram os protagonistas desta caminhada, nos dois órgãos de governo próprio da Região: Assembleia e Governo.

Desenvolveram um trabalho de enorme importância para os Açores e como referiu Fernando Menezes, por ocasião da celebração dos 25 anos de Autonomia, nesse trajeto “Respeitou-se a ilha como realidade incontornável, lançaram-se as bases da unidade regional até aí inexistente, consideraram-se relevantes fatores históricos e encontraram-se equilíbrios sociais e políticos de forma admirável e feliz.”

Souberam, ao longo destes quarenta anos, ultrapassar as suas diferenças e construir os consensos necessários em nome de uma causa maior: a nossa terra e o nosso povo.

Para eles o meu profundo agradecimento e reconhecimento, honrando, neste momento, a memória dos que já partiram.

Nem sempre o percurso foi fácil, numa época em que os meios e as ferramentas ao dispor eram por vezes insuficientes;



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

Nem sempre o país continental compreendeu a nossa vontade de querer mais, de exigir mais;

Nem sempre as instâncias nacionais e internacionais nos foram favoráveis criando obstáculos onde deveriam existir pontes;

Por vezes até o mar e a terra não nos protegeram, pelo contrário mostraram que podem ser destrutivos, e nos obrigaram, uma e outra vez, a arregaçar mangas e reconstruir tudo do nada, alterando as nossas prioridades e forçando-nos a concentrar no que era verdadeiramente importante: erguermo-nos de novo!

E por isso hoje é também o dia de agradecer ao povo açoriano.

Aos homens e mulheres desta terra que, desde os primórdios, repudiaram o isolamento e a desconsideração a que eram submetidos, que se impuseram contra a miserabilidade e exigiram mais, porque sabiam que mereciam mais, porque ao seu sofrimento bastavam as tormentas da natureza, a solidão e o desconhecimento sobre o que existia para além da linha do horizonte.

Aos homens e mulheres que se viram obrigados a abandonar esta terra, à procura de uma vida melhor, com outra dignidade e na esperança de um novo futuro para os seus filhos, sem, no entanto, esquecerem que eram açorianos. Cultivaram as tradições e acarinharam a memória e a saudade e hoje orgulham-se dos seus Açores, iguais na beleza, nos tons de verde e no som do mar, mas mais desenvolvidos, com mais e melhores infraestruturas, com outro futuro.

Aos homens e mulheres que, não sendo açorianos de nascença, aqui escolheram viver e que adotaram esta terra como sua, alegrando-se com as suas conquistas e solidarizando-se com as suas amarguras sendo que muitos deles também se bateram por uns Açores autónomos.

Hoje, nesta Casa que acolhe os legítimos representantes do povo açoriano, recordamos, igualmente, que há precisamente dez anos a promulgação da Lei Eleitoral dos Açores permitiu, nas eleições seguintes, mudar a composição desta Assembleia tornando-a mais



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

representativa e proporcional, respeitando o voto de cada cidadão, sem, no entanto, descurar a representatividade de cada uma das nossas nove ilhas.

Desta forma, e desde 2008, têm assento parlamentar seis partidos políticos o que por si só é consequência de uma desejável dinâmica autonómica tornando este Parlamento mais plural e enriquecendo, por esta via, a democracia e a própria autonomia.

E a prova que o processo autonómico não é estanque, pelo contrário é um processo aberto e evolutivo, é que, nestes últimos dez anos, promoveu-se, igualmente, a terceira revisão do Estatuto Político Administrativo da Região Autónoma dos Açores, abrindo espaço à participação ativa na cena política da sociedade civil e consagrando novas competências à Região numa tentativa, de que, finalmente, a conceção de autonomia significasse um benefício para o sentido de unidade nacional. Apesar das alterações importantes que essa revisão do Estatuto consagrou, nalgumas matérias, prevaleceu, ainda, uma visão restritiva sobre as vantagens das autonomias, da nossa em particular, não entendendo que o aprofundamento do processo autonómico é sim uma riqueza e não um sobrecusto para o país.

Ademais, o modelo de autonomia regional preconizado com a aprovação do Estatuto Provisório, em abril de 1976, para além de inovador para a época, foi uma conquista da democracia e da liberdade e por isso o seu aperfeiçoamento, ao longo das três revisões posteriores, outra coisa não poderia significar senão o aperfeiçoamento da própria democracia.

Em todo este percurso, nestas e outras batalhas, os açorianos falaram a uma só voz através dos seus legítimos representantes. Hoje, com um quadro parlamentar maior e tão diverso, é com orgulho que afirmo que sempre que a defesa dos Açores está em causa, continuamos a falar a uma só voz! Os entendimentos e a colaboração entre todos são hoje tão necessários para a prossecução do nosso trabalho, como o eram em 1976 e estou certa que a pluralidade do nosso parlamento não é, nem será um obstáculo à construção desses consensos.

Nesta Assembleia, onde todos nós juramos por nossa honra desempenhar fielmente as funções em que fomos investidos e defender, cumprir e fazer cumprir a Constituição da



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

República Portuguesa e o Estatuto Político-administrativo da Região Autónoma dos Açores, evocamos o passado e todas as conquistas, mas acima de tudo temos de preparar este presente para sabermos que futuro deixar às gerações vindouras.

Hoje somos diferentes protagonistas, são outros os desafios, mas a responsabilidade é a mesma!

Não podemos descurar todo o trabalho em prol do desenvolvimento económico e social dos Açores que a Assembleia e o Governo produziram, num caminho partilhado.

A realidade tal como hoje a conhecemos, das infraestruturas físicas à educação, da saúde à economia, da solidariedade social aos setores produtivos, é fruto desse trabalho conjunto.

Mas hoje, para além da obrigatória necessidade, de continuarmos a trabalhar, lado a lado, Assembleia e Governo, na prossecução dos objetivos e dos modelos que cumpram com o desenvolvimento harmonioso da Região, temos de refletir sobre o trabalho que é necessário desenvolver junto daqueles que nos elegem.

Muito já foi feito para uma maior divulgação do exercício das nossas funções e para que a Assembleia Legislativa esteja mais próxima e acessível aos cidadãos. Nos últimos anos, esta instituição promoveu a desburocratização de procedimentos, a implementação de projetos que deem a conhecer a atividade parlamentar, o desenvolvimento de conceitos como democracia e autonomia junto dos mais jovens, uma maior abertura recebendo todos aqueles que nos queiram conhecer. Estes são apenas alguns dos exemplos que vos apresento de todo esse trabalho de proximidade.

Os deputados desta Casa são o elo entre a ilha e a Região, entre os eleitores e os eleitos, entre os anseios e a realidade legislativa, pelo que teremos de ter a capacidade de reconhecer o que mais podemos fazer e a coragem para proceder esse caminho de inovação e de uma maior proximidade contribuindo para que a democracia participativa seja uma realidade. Nesta hora solene não posso deixar, por isso, de saudar todos os deputados desta legislatura pelo contributo na dignificação deste Parlamento e para esta caminhada autonómica.



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

As tecnologias de informação, os novos meios de comunicação e as cada vez melhores acessibilidades têm de estar ao serviço da democracia para que seja possível diminuir o distanciamento e o alheamento da população às questões de natureza política.

A verdade é que é nossa a responsabilidade de fazer a pedagogia da democracia e da autonomia, junto da população em geral, mas principalmente junto das escolas, dos mais jovens para que estes possam ser realmente o garante do nosso futuro democrático.

O apelo a uma cidadania ativa e a reflexão sobre a importância do trabalho parlamentar em todas as suas vertentes, contactos com a população, empresas e instituições, análise e estudo da legislação em sede de comissão e o debate político propriamente dito, são outras das ferramentas que temos ao nosso dispor para contrariarmos este ciclo de desânimo e desapego que faz estremecer os pilares da democracia.

É nossa a responsabilidade, por exercermos funções públicas e políticas, por estarmos ao serviço daqueles que nos elegem, mas é de todos e cada um de nós a responsabilidade de recordarmos, tantas vezes quantas forem necessárias, o quanto sofreram os nossos avós, os nossos pais e muitos de vós, que hoje aqui estão, para que o perfume da liberdade invadissem a nossa vida.

Que mais não seja pela dívida de gratidão que temos para com o nosso passado, é nossa a responsabilidade de fazermos tudo para honrarmos este lugar e para ocuparmos a linha da frente do combate ao desinteresse e ao abstencionismo.

Recordamos hoje um trajeto de quarenta anos, um percurso naturalmente jovem, mas com um longo caminho pela frente, que dignifica os movimentos autonomistas do século XIX, que antecederam este conceito de autonomia como expressão da democracia, porque há um fio condutor que uniu ao longo dos séculos este ímpeto autonomista: a nossa condição ilhoa.

Nove ilhas unidas pelo mar, que na sua diversidade particular enriquecem o todo regional. E é nesta riqueza, que a natureza nos ofertou, que reside o nosso sucesso.

Álvaro Monjardino disse a 4 de setembro de 1976, há precisamente quarenta anos, “É todo este Povo, altivo na sua modéstia, brioso na sua humildade, sensível na sua



**ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA
REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**

capacidade de sofrer, trabalhador no seu “spleen”, português no seu açorianismo, que esperamos ver reconhecido, atuante, dinamizado, através da aceitação expressa da sua vera identidade regional. Foi essa identidade que procurou afirmar-se nos movimentos autonomistas vindos do século passado, e que só agora reputamos consagrada através da Constituição, que o voto dos portugueses legitimou. (...). Sabemos o que somos e como somos. O que valem e o que nos limita.”

Não tenho dúvidas que, por sabermos o que somos e como somos, continuaremos a trabalhar em prol da Autonomia dos Açores, honrando o legado dos que nos antecederam e esperando construir um presente que honre os que nos sucederem.

Disse.

A Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

Ana Luísa Luís